

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)”

HELOISA MIDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

RESUMO:

Este artigo reflete sobre a importância do registro de histórias pessoais na construção da visibilidade e representatividade da identidade assexual, analisando como essas narrativas, tanto no passado quanto no presente, se conectam e se fortalecem mutuamente. A pesquisa utiliza o método hipotético-bibliográfico e é de natureza qualitativa e teórica, baseando-se em análise documental e revisão bibliográfica sobre a temática da assexualidade. O estudo examina como o compartilhamento de experiências, incluindo registros históricos e contemporâneos, contribui para a preservação da memória coletiva da comunidade assexual e para a ampliação de sua representatividade cultural. A exposição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)” é utilizada como exemplo concreto desse processo, sendo analisada como iniciativa que deu visibilidade às histórias enviadas por membros da comunidade. Além disso, são resgatados registros históricos, como a carta de Catherine Kobaly, publicada em 1981. O artigo conclui que o registro de narrativas pessoais possui papel fundamental para preservar a memória da identidade assexual.

PALAVRAS-CHAVE: Assexualidade; Representatividade; Narrativas pessoais; Registros históricos.

ABSTRACT:

This article reflects on the significance of personal story sharing in building the visibility and representation of asexual identity, analyzing how past and present narratives interconnect and mutually reinforce each other. The research employs the hypothetico-bibliographic method and is qualitative and theoretical in nature, relying on documentary analysis and bibliographic review on asexuality. The study investigates how the sharing of experiences, through both historical and contemporary records, contributes to preserving the collective memory of the asexual community and enhancing its cultural representation. The exhibition "A is for... (Museum of Asexuality and Aromanticism)"¹ is examined as a concrete example of this process, showcasing how stories shared by community members were brought into physical spaces to foster visibility. Historical records, such as Catherine Kobaly's 1981 letter. The article concludes that documenting personal narratives play a crucial role in preserving the memory of asexual identity.

KEYWORDS: Asexuality; Representation; Personal narratives; Historical records.

¹ Texto apresentado durante o V Seminário Museus, Memória e Museologia LGBTQIA+ Comunidades de 12 a 14 de dezembro de 2024.

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômanticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a investigar a potencial invisibilidade e o silenciamento histórico da assexualidade, analisando como histórias pessoais e registros documentais podem contribuir para a construção e fortalecimento da identidade assexual. Realiza um paralelo entre a exposição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômanticidade)” e o registro histórico de cartas e narrativas individuais, como a de Catherine Kobaly, para refletir sobre o impacto do compartilhamento de experiências pessoais na visibilidade e no reconhecimento dessa identidade.

Parte-se da hipótese de que a assexualidade, historicamente marginalizada e pouco reconhecida, encontra dificuldades em se estabelecer como identidade válida devido à ausência de registros e representações. Contudo, iniciativas como a exposição mencionada demonstram como a troca de histórias reais e virtuais pode fortalecer tanto o senso de pertencimento da comunidade assexual quanto sua representatividade na sociedade.

O objetivo é examinar como os registros da assexualidade, tanto no passado quanto no presente, retroalimentam-se, criando um ciclo de visibilidade que abrange narrativas pessoais, registros virtuais e iniciativas culturais. A análise centra-se no papel desempenhado por histórias individuais compartilhadas, como a carta de Catherine Kobaly publicada em 1981, e sua ressonância com eventos contemporâneos, como a exposição apoiada pelo Fundo Comunitário do Orgulho de Bristol.

O presente artigo justifica-se pela relevância de investigar como a narrativa pessoal e coletiva molda e preserva a memória de identidades historicamente silenciadas, questionando se a assexualidade, assim como outras identidades dissidentes, foi deliberadamente excluída dos discursos públicos ou apenas viveu

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

em um estado de invisibilidade forçada. A pesquisa adota uma abordagem teórica, bibliográfica e qualitativa, de caráter exploratório, com foco na análise documental de registros sobre a assexualidade. Utiliza-se o método hipotético-bibliográfico, permitindo a reflexão sobre as conexões entre as histórias do passado e os registros, bem como sobre a construção da memória coletiva de pessoas assexuais.

Conclui-se que o compartilhamento de histórias pessoais, aliado ao registro e à exposição cultural, é uma ferramenta poderosa para romper o ciclo de invisibilidade e ampliar a representatividade da identidade assexual, permitindo que outras pessoas possam reconhecer-se nessa identidade e contribuir para a construção de um legado histórico mais inclusivo.

O MANIFESTO ASSEXUAL DE 1972 E O MANIFESTO ASSEXUAL DE 2021

O "Manifesto Assexual" de 1972, elaborado por Lisa Orlando e o Caucus Assexual das Feministas Radicais de Nova York, foi um marco inicial na articulação da identidade assexual. Esse documento emergiu em um contexto feminista, questionando as normas sexuais predominantes e propondo a assexualidade como uma orientação legítima, distinta de escolhas como o celibato (Orlando, 1972). O manifesto de 1972 enfatizava a necessidade de reconhecer experiências sexuais que não se alinhavam com os valores feministas da época, buscando validar a assexualidade como parte do espectro sexual humano.

O manifesto assexual de 1972, ao ser elaborado, teve como um de seus intuitos evitar associações errôneas com termos como "anti-sexo" ou "celibatário", que poderiam distorcer a verdadeira natureza da assexualidade. A autora do manifesto buscou destacar que a assexualidade não era uma posição contra o sexo em si, mas sim uma orientação sexual legítima e independente. Para Lisa Orlando, era importante desvincular a assexualidade da ideia de negação do prazer ou da

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

abstinência, comumente associada ao celibato. A intenção era afirmar que a falta de atração sexual não deveria ser vista como uma escolha ou uma recusa a sexo, mas como uma vivência autêntica de identidade sexual, que deveria ser respeitada sem julgamentos externos sobre sua validade.

Em 2021, foi publicado um novo "Manifesto Assexual", escrito por Ariel F. Hitz, Calisto M. e Ravi D. Pires, refletindo as evoluções no entendimento da assexualidade ao longo de quase cinco décadas. Este documento atualiza a compreensão da assexualidade, definindo-a como uma orientação na qual o indivíduo raramente, condicionalmente ou nunca experimenta atração sexual. O manifesto destaca a diversidade dentro do espectro assexual, reconhecendo experiências que podem envolver namoro, contato físico e até atividades sexuais, sem que isso invalide a identidade assexual.

A transição entre os manifestos de 1972 e 2021 evidencia uma ampliação significativa na compreensão da assexualidade. Enquanto o documento de 1972 estava profundamente enraizado no movimento feminista e focado na validação da assexualidade como uma orientação legítima, o manifesto de 2021 expande essa visão, incorporando a interseccionalidade e reconhecendo a diversidade de experiências dentro da comunidade assexual. Essa evolução reflete um entendimento mais inclusivo e complexo da assexualidade, alinhado com as discussões contemporâneas sobre sexualidade e identidade.

A publicação do manifesto de 2021 também destaca a importância da internet na organização e expressão da comunidade assexual moderna. Ao contrário das décadas anteriores, onde a visibilidade era limitada, a era digital permitiu que vozes assexuais se conectassem globalmente, compartilhando experiências e recursos. O manifesto de 2021 reconhece essa dinâmica, enfatizando que a presença online não diminui a validade das experiências assexuais, mas, ao contrário, fortalece a

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

comunidade e promove uma maior compreensão e aceitação da assexualidade na sociedade contemporânea.

O manifesto assexual de 2021 é notável também por ser um trabalho colaborativo de autores brasileiros, o que representa uma importante mudança de contexto em relação ao manifesto de 1972, que foi redigido por ativistas estadunidenses. A autoria do manifesto atual reflete a crescente globalização da comunidade assexual e a diversidade de vozes que, ao longo do tempo, começaram a se fazer ouvir mais amplamente em diferentes partes do mundo.

A contribuição brasileira traz uma perspectiva enriquecida e mais inclusiva, considerando as particularidades culturais e sociais locais, ao mesmo tempo que mantém um diálogo com a história e os desafios enfrentados pelas comunidades assexuais internacionalmente. Esse contexto de autoria brasileira também reflete o aumento da visibilidade da identidade assexual em outras regiões do mundo, além dos Estados Unidos da América, mostrando como o movimento global se tornou mais plural e acessível, englobando diversas culturas e realidades.

A CARTA DE CATHERINE KOBALY

Catherine Kobaly, em 1981, tornou-se uma figura histórica importante para a assexualidade ao enviar uma carta ao jornal feminista *Heresies*, que descrevia sua experiência como mulher autodeclarada assexual. Ela compartilhou suas vivências sobre a identidade assexual, felicidade por ver gays e lésbicas recebendo mais apoio, e as dificuldades de encontrar apoio ou compreensão, revelando a marginalização de sua orientação em uma sociedade que colocava o sexo como parte central da identidade humana.

Essa carta, embora pessoal e despretensiosa, se tornou um dos primeiros registros públicos de uma pessoa se identificando explicitamente como assexual. Ao

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômanticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

contar sua história, Kobaly possibilitou mais discussões sobre a assexualidade em espaços públicos e ativistas. Ela pediu uma representação mais justa e igualitária para as pessoas assexuais, questionando o estigma que tratava a assexualidade como um defeito ou anomalia.

Essa carta, que poderia ser vista como um ato isolado, acabou por se tornar um símbolo da resistência contra o silenciamento da assexualidade (Lisbin, 2023, p. 7). Com ela, Kobaly inadvertidamente contribuiu para o crescimento da visibilidade da comunidade assexual, já que sua denúncia de exclusão ressoava com outras experiências pessoais, criando uma sensação de pertencimento e de validação. Foi através dessa narrativa, despretensiosa mas profundamente significativa, que muitos outros começaram a entender a assexualidade não como uma falha, mas como uma identidade legítima.

Portanto, a carta de Kobaly não apenas documentou a existência de uma pessoa autodeclarada assexual em um contexto em que tal identidade era invisível, mas também lançou as bases para a construção da história da assexualidade. Ela se tornou parte dessa história, não por sua intenção de se tornar um ícone, mas porque suas palavras, autênticas e simples, abriram espaço para que outras pessoas, finalmente, pudessem se expressar e serem reconhecidas na pluralidade de suas identidades.

ASPECTOS TANGENCIAIS

A compreensão da assexualidade frequentemente requer o estudo de conceitos tangenciais que ajudam a esclarecer a diversidade de experiências dentro desse espectro, podendo ainda afetar outras sexualidades, contudo, saber acerca destes aspectos faz com que se possa compreender com maior facilidade acerca das particularidades da assexualidade, nomeadamente, *split attraction model*

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)”

HELOISA MIDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

(modelo de atração dividida), arromanticidade, *sex favorable* (favorável a sexo), *sex neutral* (indiferente a sexo) e *sex repulsed* (com repulsa a sexo). Relevante, ainda, saber acerca de amatonormatividade, posto que afeta a sociedade, bem como de allosexualidade, para melhor entendimento dos temas aqui discutidos.

A assexualidade é uma orientação sexual caracterizada pela ausência de atração sexual por outras pessoas, sendo distinta de escolhas como celibato ou abstinência e também de orientações românticas, como a arromanticidade. O *Split Attraction Model*, amplamente usado na comunidade assexual, ajuda a distinguir entre atração sexual e romântica, permitindo que pessoas expliquem suas experiências com maior precisão. Apesar do fato de se pode pensar que se uma pessoa tem uma orientação sexual, esta seria diretamente e individualmente conectada com sua orientação romântica, pode não ser o caso. Deste modo, se pode buscar refletir acerca das particularidades da sexualidade de modo mais aprofundado, bem como compreender melhor sobre a diversidade entre diferentes pessoas.

Se pode citar, de modo exemplificativo, a possibilidade de que sejam pessoas que se identifiquem com a heterorromanticidade; homorromanticidade; birromanticidade; ou arromanticidade. Estes, se chamam, respectivamente, heterorromânticos; homorromânticos; birromânticos e arromânticos (Nascimento, Santos, p. 32). Deste modo, nada impede que uma pessoa possa viver sem atração sexual, contudo, com atração romântica, especificamente voltada para pessoas consoante tal atração romântica for caracterizada. A assexualidade é diversa, e as atitudes em relação a sexo variam entre favoráveis, indiferentes ou com repulsa.

Split Attraction Model

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômanticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

Acerca do conceito de *split attraction model* (modelo de atração dividida), consiste em diferenciar a atração sexual da atração romântica. Isso significa que uma pessoa pode experimentar atração romântica sem sentir atração sexual ou vice-versa. Esse modelo permite que indivíduos identifiquem sua orientação de maneira mais precisa, evitando generalizações e possibilitando uma maior diversidade de identidades dentro da comunidade assexual.

A importância do *split attraction model* se manifesta especialmente ao diferenciar a assexualidade da arrômanticidade. Por vezes, presume-se erroneamente que toda pessoa assexual também seja arrômântica, o que não é verdade. Pessoas assexuais podem sentir atração romântica e desejar relacionamentos amorosos, ainda que não sintam interesse sexual. Da mesma forma, uma pessoa pode ser arrômântica sem ser assexual, experimentando desejo sexual, mas sem interesse em vínculos românticos. Essa distinção evidencia a necessidade de uma abordagem mais matizada quando se discute sexualidade e afetividade.

O modelo de atração dividida permite que as pessoas descrevam essas experiências de maneira mais específica, sem precisar adaptar suas identidades a categorias tradicionais, como heterossexual, homossexual ou bissexual. Isso tem se mostrado útil não apenas para as pessoas da comunidade LGBTQIA+, mas também para aqueles fora dessa comunidade que, sem conhecer a terminologia, podem se identificar com essas experiências de atração separada.

Dentro do modelo de atração dividida, as pessoas frequentemente utilizam termos compostos para refletir a sua experiência de atração romântica e sexual separadas. Como por exemplo "arômântico assexual" (abreviado como aro-ace), que descreve uma pessoa que não sente atração romântica nem sexual, ou allosexual e arrômântico (abreviado como allo-aro), que descreve uma pessoa que sente atração sexual mas não sente atração romântica.

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômanticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

Outros termos, como "variorientado" e "periorientado", também foram introduzidos para descrever as diferentes formas de orientação dentro do modelo de atração dividida. O termo "variorientado" se refere a pessoas cuja orientação sexual e romântica são diferentes, como um assexual homorromântico, enquanto "periorientado" descreve aqueles cujas orientações sexual e romântica são congruentes, como um heterossexual heterorromântico.

A primeira concepção registrada de orientação que considerava a atração dividida foi em 1879, por Karl Heinrich Ulrichs, um escritor e jurista alemão que se destacou por suas obras sobre a atração não-heterossexual. Ele publicou 12 livros onde apresentou várias classificações de atração sexual e romântica que, de certa forma, anteciparam as identidades LGBTQIA+ modernas. Ulrichs descreveu pessoas com diferentes formas de atração e sugeriu que a orientação sexual não era um fenômeno simples, mas multifacetado. Ele introduziu os conceitos de "konjunktiver Uranodioning" e "disjunktiver Uranodioning", ou bissexualidade conjuntiva e bissexualidade disjuntiva.

A bissexualidade conjuntiva se referia a pessoas que tinham sentimentos apaixonados e afetuosos por ambos os sexos/gêneros, um conceito que poderia ser comparado à bissexualidade biromântica na atualidade. Já a bissexualidade disjuntiva descrevia pessoas que sentiam afeto por pessoas do mesmo sexo/gênero, mas experimentavam sentimentos românticos por pessoas de outro sexo/gênero, o que seria equivalente a uma orientação homossexual heterorromântica. No entanto, o modelo de Ulrichs nunca se popularizou amplamente devido à complexidade de suas ideias e à falta de aceitação social na época.

Posteriormente, em 1979, a psicóloga Dorothy Tennov, no livro *Love and Limerence: The Experience of Being in Love*, apresentou um conceito que ajudaria a separar as dimensões da atração sexual e romântica de maneira mais clara. Tennov cunhou o termo "limerência" para descrever uma forma intensa de atração,

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

frequentemente associada à ideia de uma "paixonite". Ela descreveu a limerência como uma atração emocional profunda e obsessiva, que poderia ser experimentada sem necessariamente envolver desejo sexual.

Embora Tennov reconhecesse que a atração sexual poderia fazer parte da limerência, ela argumentou que o foco principal era o desejo de reciprocidade emocional, o que tornava o conceito distinto da atração sexual convencional. Em sua obra, Tennov sugeriu que a "não-limerência" poderia ser um precursor do termo arromântico, que descreve pessoas que não experimentam a atração romântica, embora ainda possam sentir atração sexual ou outra forma de afeto. Contudo, se faz relevante refletir acerca de quando foi criado o conceito moderno de arromanticidade e *Split Attraction Model*.

Com o tempo, o pensamento de que a atração sexual e romântica poderiam ser separadas começou a se consolidar, e foi por volta de 2015 que o conceito do "modelo de atração dividida" (*Split Attraction Model*, ou *SAM*) foi popularizado. Esse modelo ajudou a comunidade assexual e arromântica a explicar suas identidades de maneira mais clara, ao mesmo tempo em que contribuiu para a criação de um vocabulário que permitisse a outras pessoas compreenderem essas experiências de atração. Assim, a atração sexual e romântica passaram a ser vistas como dimensões distintas, que podem coexistir de maneiras variadas e que não precisam estar necessariamente alinhadas.

Arromanticidade

A arromanticidade refere-se à ausência ou baixa intensidade de atração romântica. Isso significa que uma pessoa arromântica pode não sentir interesse em estabelecer relações românticas ou pode experimentar essa atração de maneira muito específica. Assim como a assexualidade, a arromanticidade existe em um espectro, e o termo “arromanticidade” pode ser utilizado como termo guarda-chuva,

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômanticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

incluindo, de modo exemplificativo, pessoas aromânticas; demirromânticas; frairromânticas, reciprorromânticas; heterorrômanticas; homorromânticas ou birromânticas. Essa diversidade reforça a importância de compreender as múltiplas facetas da experiência romântica e sexual.

Depois de uma pesquisa aprofundada, se observou que o termo "arromântico" foi utilizado pela primeira vez em 26 de abril de 2002, em uma postagem feita por um usuário identificado como "maxnova100" em um grupo no Yahoo chamado "Haven for the Human Amoeba". O "Haven for the Human Amoeba" foi um dos primeiros grupos online dedicados à comunidade assexual, criado em 12 de outubro de 2000.

Este grupo serviu como um espaço para indivíduos assexuais compartilharem experiências e discutirem questões relacionadas à assexualidade. Embora o grupo tenha sido desativado, um arquivo de suas postagens está disponível para consulta.

A partir do final dos anos 2000, as comunidades assexuais e aromânticas começaram a desenvolver uma terminologia mais refinada para expressar as suas experiências de atração. Em 2005, o termo "arromântico" foi popularizado para descrever indivíduos que não sentem atração romântica por outras pessoas. Isso abriu espaço para uma compreensão mais aprofundada de como as pessoas podem vivenciar diferentes formas de atração sem que essas formas necessariamente se sobreponham.

Como diferentes pessoas se sentem acerca de sexo

Outro aspecto importante na discussão sobre a assexualidade é a maneira como diferentes indivíduos dentro desse espectro lidam com a atividade sexual. Algumas pessoas assexuais se identificam como *sex favorable* (favoráveis a sexo), ou seja, estão confortáveis com o sexo e podem até gostar da prática, mesmo sem

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)”

HELOISA MIDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

experimentar atração sexual. Isso pode ocorrer por diferentes razões, incluindo desejo de conexão emocional com o parceiro, curiosidade ou até mesmo prazer físico derivado do ato. Essa perspectiva desafia o estereótipo de que pessoas assexuais são invariavelmente avessas a sexo e destaca a diversidade de experiências dentro da comunidade.

Por outro lado, há pessoas assexuais que se identificam como *sex neutral* (indiferentes a sexo), ou seja, são indiferentes à atividade sexual. Elas podem praticá-la ou evitá-la dependendo do contexto, sem sentir uma inclinação particular para um lado ou outro. Para essas pessoas, o sexo pode ser apenas mais um aspecto de um relacionamento, sem carregar um peso emocional significativo. Essa posição é importante porque ajuda a desmistificar a ideia de que todas as pessoas assexuais possuem uma postura rígida e negativa em relação a sexo, evidenciando que a relação com a sexualidade pode ser diversa e altamente individual.

Sobre pessoas que se identificam como *sex repulsed* (com repulsa a sexo) sentem aversão à atividade sexual, podendo experimentar desconforto, repulsa ou até mesmo angústia diante da ideia do sexo. Para essas pessoas, a imposição de expectativas sexuais pode ser particularmente prejudicial, tornando fundamental o respeito aos seus limites. A sociedade frequentemente pressiona os indivíduos a participarem de relações sexuais, o que pode tornar desafiadora a experiência de pessoas *sex repulsed* (com repulsa a sexo) em relacionamentos, o que pode fazer com que diversas pessoas com essa particularidade busquem parceiros similares neste sentido.

Além da complexidade da atração sexual e romântica, é relevante considerar a forma como esses conceitos interagem com normas sociais e culturais. O modelo tradicional de relacionamentos frequentemente assume que sexo e romance são componentes indissociáveis, o que pode tornar difícil para pessoas assexuais e arromânticas explicarem suas identidades sem serem invalidadas ou

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

incompreendidas. Por isso, a disseminação do *split attraction model* e de termos como *sex favorable*, *sex neutral* e *sex repulsed* ajudam a expandir as discussões sobre sexualidade e afetividade, permitindo maior inclusão de experiências marginalizadas. Outro aspecto relevante na compreensão da assexualidade é o impacto da normatividade sexual e romântica na vida das pessoas assexuais e arromânticas.

A visibilidade de pessoas assexuais e arromânticas tem crescido nos últimos anos, impulsionada pelo ativismo e pela disseminação de informações na internet. No entanto, a falta de conhecimento e a perpetuação de mitos sobre essas identidades ainda representam desafios significativos. A inclusão dessas discussões em ambientes educacionais e na mídia pode ajudar a normalizar essas experiências e combater o estigma que muitas pessoas assexuais e arromânticas enfrentam.

A compreensão de termos como *split attraction model* (modelo de atração dividida), arromanticidade, *sex favorable* (favoráveis a sexo), *sex neutral* (indiferente a sexo) e *sex repulsed* (com repulsa a sexo) permite uma abordagem mais ampla e inclusiva sobre a sexualidade humana. Esses conceitos ajudam a desmistificar a ideia de que a atração sexual e romântica são universais e binárias, oferecendo um panorama mais realista e diversificado sobre as experiências individuais.

Por fim, ao reconhecer a pluralidade de vivências dentro do espectro assexual, torna-se possível construir uma sociedade mais acolhedora e respeitosa para todas as formas de identidade e expressão. A aceitação da diversidade não apenas beneficia pessoas assexuais e arromânticas, mas também amplia o entendimento geral sobre sexualidade e relações humanas, promovendo um mundo onde todas as experiências são validadas e respeitadas.

Amatonormatividade

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômanticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

A amatonormatividade é um conceito desenvolvido pela filósofa Elizabeth Brake, para descrever a suposição social de que os relacionamentos românticos monogâmicos e de longo prazo são universais, desejáveis e essenciais para a realização pessoal (Ferguson, 2012). Este termo critica a ideia de que a felicidade e o sucesso de um indivíduo devem estar intrinsecamente ligados a um relacionamento amoroso, ao mesmo tempo em que desvaloriza outras formas de conexão, como amizades, relações familiares e vínculos não românticos.

A amatonormatividade pode resultar na marginalização de pessoas arrômanticas e assexuais, bem como daqueles que optam por não priorizar relacionamentos românticos em suas vidas. Esse fenômeno também impõe pressões sociais sobre os indivíduos, levando-os a sentir a necessidade de buscar um parceiro amoroso, mesmo quando essa não é sua preferência ou prioridade. A manifestação desse conceito pode ser observada em diversas áreas, como na mídia, que frequentemente exalta o romance como o ápice da experiência humana, e nas estruturas jurídicas (Ferguson, 2012).

O conceito de amatonormatividade também se relaciona com uma crítica ao normativo monogâmico e à valorização excessiva da estrutura familiar tradicional, ao passo que invisibiliza outras formas de organização social e afetiva. Comunidades poliamorosas, solteiros por escolha e pessoas que valorizam amizades como vínculos primários frequentemente enfrentam desafios decorrentes da amatonormatividade, que desconsidera a legitimidade desses estilos de vida.

Desconstruir a amatonormatividade implica reconhecer que diferentes formas de vínculo podem ser igualmente válidas e satisfatórias. Isso envolve questionar os pressupostos culturais sobre o amor e valorizar experiências afetivas diversas, permitindo que cada pessoa defina suas próprias prioridades sem ser julgada ou pressionada a se conformar com padrões sociais rígidos (Ferguson, 2012).

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

Allosexualidade

Allosexualidade consiste em um termo que surgiu em 2006, criado por David Jay, um ativista e pesquisador da comunidade assexual. A palavra é composta por duas partes: "allo-", que vem do grego "allos" (ἄλλος), significando "outro" ou "diferente", e "-sexualidade", derivado do latim "sexualitas", que se refere à atração sexual. Portanto, allosexualidade significa literalmente "sexualidade voltada para os outros" ou "sexualidade diferente". O conceito foi criado para descrever indivíduos que experienciam atração sexual, em contraste com as pessoas assexuais, que não sentem atração sexual. Essa distinção se tornou útil ao destacar as diferentes formas de vivenciar a sexualidade humana.

O termo foi introduzido como uma forma de diferenciar as pessoas que experimentam atração sexual de modo convencional daqueles que se identificam com a assexualidade, buscando uma terminologia mais inclusiva para descrever a experiência de sentir atração sexual. O movimento assexual, ao ganhar visibilidade, buscava uma maneira de explicitar as experiências sexuais fora da norma, e a criação de "allosexual" ajudou a promover uma distinção clara entre quem sente atração sexual e quem não sente atração sexual. A introdução do termo também visava proporcionar mais visibilidade e compreensão sobre o espectro da sexualidade.

O termo “allosexualidade” pode ser considerado similar com o termo “não-monossexualidade”, posto que o termo “não-monossexualidade” consiste em termo guarda-chuva para classificar orientações sexuais as quais envolvem mais de um gênero, como, de modo exemplificativo, pessoa bissexual, pessoa homo-flexível ou hetero-flexível.

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

Deste modo, “monossexualidade” consiste em termo guarda-chuva para classificar orientações sexuais as quais envolvem apenas um gênero, como, de modo exemplificativo, pessoa homossexual ou pessoa heterossexual.

Ao longo dos anos, o conceito de allosexualidade se popularizou, especialmente dentro das comunidades online e acadêmicas que discutem sexualidade e identidade de gênero. O termo não se limita a um único tipo de atração, mas descreve qualquer forma de desejo sexual experimentado por indivíduos em que a atração sexual está presente. A allosexualidade, portanto, se posiciona como uma identidade que não se encaixa nas categorias de assexualidade, oferecendo uma palavra específica para aqueles que sentem atração sexual, os diferenciando de pessoas assexuais sem o uso de termos que denotem normalidade, logo, evitando que a assexualidade seja referenciada de modo pejorativo.

A HISTORICIDADE DO APAGAMENTO DA ASSEXUALIDADE CODIFICADA

Historicamente, a legislação brasileira incorporou conceitos que, embora não mencionem explicitamente a assexualidade, podem impactar negativamente indivíduos que se identificam como assexuais. Um exemplo notável é o conceito de “débito conjugal”, que se refere à obrigação mútua entre cônjuges de manter relações sexuais. Embora não esteja explicitamente previsto na legislação atual, esse dever é inferido do artigo 1.566, inciso II, do Código Civil brasileiro, que estabelece como dever dos cônjuges a “vida em comum, no domicílio conjugal”. Tradicionalmente, essa “vida em comum” foi interpretada como incluindo a coabitação e as relações sexuais entre os cônjuges.

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

A origem do conceito de débito conjugal no Brasil remonta ao Código Civil de 1916, que refletia uma visão patriarcal e patrimonialista da família. Nessa época, o casamento era visto principalmente como uma instituição voltada para a procriação e a satisfação dos deveres conjugais, com pouca ênfase na realização pessoal e no afeto entre os cônjuges. Essa perspectiva desconsiderava as necessidades e desejos individuais, impondo uma obrigação tácita de relações sexuais dentro do matrimônio.

O casamento, objetivando que fosse preservada herança masculina, tinha ligado ao seu acordo aceite silencioso do chamado débito conjugal, o qual era conceituado como a obrigatoriedade de contato sexual entre os cônjuges e a recusa de consumir o casamento ou de manter relações sexuais com o outro cônjuge foi definida como violação do dever de coabitação, assim, algo que violaria os deveres conjugais (Bottega, 2007, p. 44).

O contrato matrimonial era um contrato cujas condições eram definidas não pelos contraentes, mas pela própria natureza como era interpretada em um panorama de dever reprodutivo, uma unidade familiar hetero tendo sido considerada o ideal. Todavia, caso se aceitasse se casar, se deveria, ainda, aceitar as condições específicas de indissolubilidade, de unicidade, fidelidade, fertilidade e demais requeridas pela dita natureza, inerente, se considerava, ao ato de casar. O casamento, voltado para uma hierarquia hetero, era, compulsoriamente, atrelado ao conceito de família hetero e débito conjugal, implicando que se relacionar sexualmente como normalidade (Bottega, 2007, p. 44).

A igualdade como pilar da dignidade humana foi trilhando seu caminho no teor da Constituição brasileira, contudo, como se pode ler na Constituição de 1824 que a lei será igual para todos, como se fez presente na Constituição de 1934, de 1937, de 1946, 1967 e 1988 a frase que dita que todos são iguais perante a lei (Brasil, 1823, Art. 178, XII; Brasil, 1934, Art. 113, § 1º, CRFB; Brasil, 1937, Art. 122,

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

§1º, CRFB; Brasil, 1946, Art. 141, §1º, CRFB; Brasil, 1967, Art. 153, CRFB; Brasil, 1988, Art. 5º, CRFB). Relevante trazer, aqui, que o artigo 226, § 5º, da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 especificou que os “direitos e deveres referentes à sociedade conjugal são exercidos igualmente pelo homem e pela mulher”.

Para pessoas assexuais, que não experimentam atração sexual, a expectativa implícita de manter relações sexuais no casamento pode ser particularmente opressiva. A imposição do débito conjugal desconsidera a autonomia sexual e o direito ao próprio corpo, princípios fundamentais dos direitos da personalidade. Embora a legislação brasileira contemporânea, especialmente após a Constituição Federal de 1988, tenha avançado na proteção da dignidade humana e dos direitos individuais, resquícios de interpretações tradicionais ainda podem ser encontrados na prática jurídica e social.

A evolução do direito de família no Brasil tem buscado alinhar-se aos princípios constitucionais de dignidade da pessoa humana, igualdade e liberdade. Nesse contexto, interpretações mais recentes questionam a aplicabilidade do conceito de débito conjugal, enfatizando o respeito à autonomia sexual de cada indivíduo.

O estupro marital, conceito que se refere à prática de violência sexual dentro do casamento ou união estável, foi historicamente considerado uma prerrogativa do cônjuge, sem que houvesse reconhecimento da possibilidade de crime nesse contexto. No Brasil, a criminalização do estupro dentro do casamento ocorreu com a alteração do Código Penal em 2005, por meio da Lei 11.106, que explicitou a tipificação do crime de estupro em qualquer contexto, inclusive no âmbito conjugal.

Antes dessa mudança, a legislação tratava o sexo no casamento como um suposto "direito conjugal" do marido, o que invisibilizava a violência sexual dentro da relação. A criminalização passou a ser regulada pelo artigo 213 do Código Penal,

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

que estabelece: "Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar outro ato libidinoso: Pena – reclusão, de 6 (seis) a 10 (dez) anos". Essa alteração foi um marco importante para o reconhecimento da autonomia sexual e dos direitos das mulheres no Brasil, refletindo uma mudança de paradigma em relação à proteção contra a violência doméstica e sexual.

Atualmente, a interpretação do débito conjugal tem sido revista à luz dos princípios constitucionais de dignidade da pessoa humana e liberdade individual. O entendimento jurídico moderno reconhece que ninguém pode ser obrigado a manter relações sexuais. Além disso, a falta de relações sexuais não é mais considerada um motivo válido para a anulação do casamento, pois a legislação brasileira não exige a consumação do matrimônio como requisito para sua validade. Dessa forma, o direito de família tem se afastado da visão tradicional de que o casamento deve necessariamente envolver uma vida sexual ativa, priorizando o consentimento e o bem-estar dos cônjuges.

CONSENTIMENTO FRIES

O conceito de consentimento fries (ou *FRIES consent* em inglês) é um modelo desenvolvido pela organização *Planned Parenthood* para explicar de maneira clara e acessível os princípios fundamentais do consentimento. O acrônimo *FRIES* resume cinco elementos essenciais que devem estar presentes para que o consentimento seja considerado válido: *Freely given* (dado livremente), *Reversible* (revogável), *Informed* (informado), *Enthusiastic* (entusiástico) e *Specific* (específico). Esse modelo enfatiza que o consentimento não pode ser presumido ou obtido sob coerção, sendo essencial para garantir interações sexuais e afetivas respeitadas e seguras (*Planned Parenthood*).

O primeiro princípio, *Freely given* (dado livremente), significa que o consentimento só é válido se for dado sem coerção, manipulação, ameaças ou

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

qualquer tipo de pressão. Isso significa que ninguém deve ser forçado a consentir em um ato, seja por chantagem emocional, medo ou influência indevida. No contexto do casamento, esse princípio é crucial para desmistificar a ideia ultrapassada do débito conjugal, reafirmando que o consentimento deve ser contínuo e voluntário.

O segundo elemento, *Reversible* (revogável), destaca que o consentimento pode ser retirado a qualquer momento. Mesmo que uma pessoa tenha concordado com um ato anteriormente, ela tem o direito de mudar de ideia sem sofrer represálias ou pressões. Isso reforça que relações saudáveis respeitam os limites individuais e não presumem consentimento contínuo apenas porque ele foi dado uma vez.

O terceiro princípio, *Informed* (informado), estabelece que o consentimento só é válido se todas as partes envolvidas tiverem informações suficientes para tomar uma decisão consciente. Isso significa que qualquer omissão ou mentira sobre aspectos relevantes do ato, como uso de métodos contraceptivos ou presença de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), pode invalidar o consentimento.

O quarto critério, *Enthusiastic* (entusiástico), enfatiza que o consentimento deve ser dado com vontade e desejo genuínos, e não por obrigação ou pressão social. Esse ponto é especialmente relevante para pessoas assexuais, que podem se sentir forçadas a participar de interações sexuais por expectativas externas, e para qualquer pessoa que sofra coerção em relacionamentos.

Por fim, *Specific* (específico) significa que consentir a um ato não implica consentimento para qualquer outro. Por exemplo, aceitar um beijo não significa aceitar um ato sexual. Esse princípio reforça a importância de estabelecer limites claros e respeitá-los, garantindo que cada interação ocorra dentro de parâmetros previamente acordados por todas as partes envolvidas.

O modelo *FRIES* é essencial para promover uma compreensão mais ampla do consentimento e combater noções ultrapassadas que podem levar à violação de

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômanticidade)”

HELOISA MIDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

direitos individuais. Aplicá-lo no contexto jurídico e social contribui para fortalecer o respeito às escolhas pessoais e garantir que todas as interações sejam baseadas em autonomia e dignidade. Ainda que se possa pensar que a assexualidade implica nunca querer realizar atos sexuais, contanto que se exista consentimento, pessoas podem optar por fazer em virtude de diversos motivos, como desejo de agradar parceiro ou reproduzir.

ASSEXUALIDADE E SEUS MICRO RÓTULOS

A assexualidade pode ter micro rótulos, definindo como rótulo atua como identidade e sua continuidade ao longo da história. Aqui, o termo “assexualidade”, sem atração sexual, pode ser uma identidade sozinha ou um apoio para micro rótulos.

Os micro rótulos tratam sobre sentimentos bastante específicos e comportamentos. Os micro rótulos não existiriam sem o rótulo do qual derivam (assexualidade). Sem a assexualidade como conceito base, os micro rótulos não teriam um ponto de partida comum, destacando a interdependência entre a identidade ampla e suas especificidades. Se traz, de modo exemplificativo; a demissexualidade; reciprossexualidade; fraissexualidade; cupiossexualidade; aegossexualidade; e apothissexualidade.

Demissexualidade

A demissexualidade é um micro rótulo dentro do espectro assexual, caracterizando pessoas que apenas conseguem experimentar atração sexual depois de estabelecer uma conexão emocional forte e significativa com outra pessoa. Diferente das experiências de indivíduos allossexuais, que podem sentir atração

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

sexual sem necessidade de vínculos emocionais, para demissexuais, a intimidade emocional é um pré-requisito atração sexual.

O termo "demissexual" tem origem no prefixo *demi*, que significa "meio" ou "parcialmente", derivado do francês antigo *demi* e, por sua vez, do latim *dimidius*, ambos com o significado de "metade". Esse nome pode sugerir que a demissexualidade se encontra em um ponto intermediário entre a allossexualidade e a assexualidade, mas isso não implica que demissexuais tenham uma "sexualidade pela metade" ou sejam incompletos. A escolha do termo reflete a especificidade dessa orientação, que se baseia na necessidade de um vínculo emocional antes do surgimento da atração sexual (Orientation Wiki).

A palavra "demissexualidade" foi cunhada em 8 de fevereiro de 2006 no fórum da AVEN (*Asexual Visibility and Education Network*), na seção "Members Questioning", por um usuário chamado @sonofzeal. A proposta surgiu a partir da teoria de @Ragber, que argumentava que pessoas "sexuais" experimentam tanto atração sexual primária quanto secundária, enquanto assexuais não experimentam nenhuma. Para descrever aqueles que sentem apenas atração sexual secundária, sem atração primária imediata, @sonofzeal sugeriu a criação do termo "demissexual". Desde então, a palavra tem sido amplamente adotada por comunidades que discutem diversidade sexual e identidade.

Embora a demissexualidade esteja no espectro assexual, ela se diferencia da assexualidade propriamente dita. Pessoas assexuais não experimentam atração sexual, independentemente do nível de proximidade emocional com alguém, enquanto demissexuais podem sentir atração sexual, mas apenas após o desenvolvimento de um vínculo emocional significativo.

Reciprossexualidade

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

A reciprossexualidade é um micro rótulo dentro do espectro assexual que descreve pessoas que só experimentam atração sexual quando percebem que outra pessoa sente atração sexual por elas. Essa experiência é distinta de outras vivências no espectro assexual, pois depende de uma dinâmica mútua de atração que deve ser percebida antes que a atração sexual seja sentida (Orientation Wiki).

Uma característica central da reciprossexualidade é sua base na reciprocidade percebida. Isso não significa que uma pessoa reciprossexual sentirá atração sexual por qualquer indivíduo que se interesse por ela, mas que, sem a percepção de interesse mútuo, a atração sexual geralmente não ocorre. Assim, a conexão emocional e o contexto são frequentemente fatores importantes para quem se identifica como reciprossexual.

Essa orientação pode ser combinada com outras, como alguém que se identifica como reciprossexual e hétero, o que significa que sua atração só se manifesta por pessoas do gênero oposto, desde que haja reciprocidade. Essas nomenclaturas demonstram a diversidade de experiências dentro do espectro assexual e como fatores psicológicos e emocionais influenciam a atração.

A bandeira reciprossexual é composta por três cores: rosa, branco e preto. O rosa simboliza a atração, o branco representa a ausência de atração e o preto está associado à assexualidade. A etimologia do termo vem de "reciprocidade" ou "recíproco", enfatizando a necessidade de resposta da outra pessoa para que a atração sexual aconteça. O reconhecimento dessas orientações dentro do espectro assexual reforça a importância de compreender e respeitar a diversidade da sexualidade humana.

Fraissexualidade

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

A fraissexualidade é um micro rótulo no espectro assexual que descreve pessoas que experimentam atração sexual por outros inicialmente, mas que essa atração tende a desaparecer à medida que uma conexão emocional ou relacional se desenvolve. Diferentemente de experiências tradicionais de atração sexual, onde a intimidade pode fortalecer o desejo, na fraissexualidade, o desenvolvimento de vínculos emocionais pode enfraquecer ou extinguir completamente a atração sexual (Orientation Wiki).

Ainda chamado, de modo sinônimo, de frayssexual é uma orientação sexual dentro do espectro assexual que descreve pessoas que sentem atração sexual apenas por aqueles com quem não possuem uma conexão profunda, perdendo esse interesse à medida que conhecem melhor a pessoa. Essa orientação é frequentemente considerada o oposto de demissexualidade, que se caracteriza pelo desenvolvimento da atração sexual somente após a formação de um vínculo emocional significativo. O termo também é conhecido como ignotasexual e faz parte das diversas formas de expressão da sexualidade humana.

Uma pessoa frayssexual pode identificar-se apenas com essa orientação ou combiná-la com outras, como ser frayssexual e gay, o que significa que, quando sente atração sexual, ela ocorre apenas por pessoas do mesmo gênero. Após a perda da atração sexual inicial, indivíduos frayssexuais ainda podem sentir outros tipos de conexão, como atração romântica, dependendo de suas experiências e vivências pessoais. Essa distinção reforça a diversidade dentro do espectro assexual, onde diferentes formas de atração e conexão podem coexistir.

O termo "fray" tem origem no inglês antigo e significa "estranho" ou "desconhecido", refletindo a característica central dessa orientação. A bandeira frayssexual, criada pelo usuário do Tumblr pridearchive em 28 de julho de 2014, utiliza tons de azul e ciano para simbolizar relações mais distantes, enquanto a faixa branca representa a ausência de atração e a faixa cinza representa a confusão ou a

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômanticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

fluidez das experiências frayssexuais. A escolha das cores foi pensada para diferenciar a bandeira de outras já existentes, garantindo uma identidade visual única para essa comunidade. A contraparte romântica da fraissexualidade é a frairromanticidade, que significa apenas conseguir se apaixonar por pessoas com pouca proximidade.

Cupiossexualidade

A cupiossexualidade é um micro rótulo dentro do espectro assexual que descreve pessoas que não experimentam atração sexual, mas sentem o desejo de se envolver em atividades sexuais. Embora essas pessoas não experimentem atração sexual, podem escolher realizar atos sexuais por uma variedade de motivos que não envolvem desejo sexual direto. Destarte, a cupiossexualidade trata acerca de conduta, ou seja, inexistente atração sexual, contudo, existe vontade de realizar atos sexuais virtude de algum motivo. A pessoa cupiossexual não sente atração sexual, mas pode se engajar em atos sexuais por motivos que transcendem a atração física (Orientation Wiki).

De modo exemplificativo, alguém pode escolher ter relações sexuais com o objetivo de ter filhos biológicos, ou para atender ao desejo de um parceiro romântico que gosta de práticas sexuais. Esse desejo de agradar o outro é uma motivação legítima dentro da identidade cupiossexual, já que a pessoa pode querer construir ou fortalecer seu vínculo com alguém especial, mesmo sem se atrair.

As identidades de gênero e sexualidade evoluem constantemente, e por vezes termos e bandeiras são criados por membros da comunidade LGBTQIA+ que preferem manter o anonimato ou usar pseudônimos online. No caso dos usuários mencionados em seguida, não há informações públicas disponíveis sobre seus nomes completos e sobrenomes, pelo que se busca respeitar sua privacidade.

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômanticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

O termo "kalossexual" foi cunhado em junho de 2014, conhecido no Tumblr como acelyssie na época. Posteriormente, descobriu que havia interpretado incorretamente o prefixo "kalos". Em virtude disto, o rótulo foi alterado para "cupiosexual", utilizando o prefixo "cupio-", derivado do latim "cupio", que significa "desejar" ou "ansiar".

A primeira bandeira associada a "kalossexual" foi criada em 7 de junho de 2014 por determinado usuário da rede social (chaotic-evil-gender no Tumblr). No entanto, essa bandeira recebeu críticas por suas cores consideradas muito vibrantes. Em 18 de junho do mesmo ano, um usuário da rede social (crybabydyke no Tumblr) propôs uma nova bandeira composta por quatro faixas horizontais de igual tamanho nas cores cinza, azul clara acinzentada, branca e rosa clara. As três primeiras faixas representam a bandeira assexual, enquanto a faixa rosa simboliza o desejo ou abertura para relações, mesmo sem atração. Essa bandeira foi mantida após a mudança do termo para "cupiosexual".

A adoção do termo "cupiosexual" e sua bandeira correspondente refletem a evolução da compreensão e representação das diversas experiências dentro do espectro assexual. A mudança de nomenclatura e simbologia visa proporcionar uma identificação mais precisa e acolhedora para aqueles que se reconhecem nessa orientação, destacando o desejo por relacionamentos ou atividades sexuais, mesmo na ausência de atração sexual.

Aegossexualidade

A aegossexualidade é uma orientação sexual que surgiu como um termo no Tumblr em 1º de novembro de 2014, criado pelo usuário "sugar-and-spite". Originalmente, o termo foi chamado de "autochorissesexual", mas o nome foi

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

abandonado, devido ao seu uso limitado e à complexidade da palavra (Orientation Wiki)

A aegossexualidade descreve uma experiência em que a pessoa sente atração sexual, mas essa atração não se direciona a si mesma. Ela se sente indiferente ou desconectada de sua própria experiência sexual enquanto ainda consegue experimentar o desejo de atrair ou de envolver outras pessoas sexualmente.

Pessoas aegossexuais podem ter uma relação com a sexualidade de maneira distinta das outras orientações dentro do espectro assexual, uma vez que, embora possam experimentar desejo sexual, esse desejo não se traduz em um desejo direcionado a si mesmas. A principal característica dessa orientação é que os sentimentos sexuais são mais voltados para os outros, sem uma conexão direta consigo. Esse termo foi um marco importante para a visibilidade e o entendimento da diversidade de experiências dentro do espectro da assexualidade.

O termo "autochorissexual" foi inicialmente proposto pelo psicólogo Anthony Bogaert em 2012, durante sua pesquisa sobre a assexualidade, a qual ainda era considerada uma patologia (Bogaert, 2012). Essa terminologia buscava descrever pessoas que sentem atração sexual por outros, mas não por si mesmas em contato com outrem. No entanto, o termo foi considerado problemático devido à sua associação com uma visão patológica da assexualidade. Em resposta a isso, em 2014, o termo "aegossexual" foi adotado, com o intuito de afastar essas conotações negativas e oferecer uma denominação mais neutra e inclusiva.

A etimologia do termo "aegossexual" vem do grego, sendo "aego" derivado de "egos", que significa "eu" ou "self", e "sexual" referente ao desejo sexual. Assim, aegossexualidade se refere à vivência do desejo sexual em relação aos outros, mas sem se envolver emocionalmente com a própria sexualidade. Isso representa uma

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômanticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

desconexão entre o desejo sexual e a experiência pessoal com ele, enfatizando o desejo pelos outros em vez de por si mesmo.

A mudança para o termo "aegossexual" visou não apenas evitar a patologização da identidade assexual, mas também refletir mais claramente a experiência vivida por muitas pessoas que se identificam com essa orientação. A mudança também permitiu que a identidade se desenvolvesse dentro de um espaço mais saudável e afirmativo, sem as implicações que o termo original carregava.

A adoção do termo "aegossexual" no lugar de "autochorissexual" foi um marco importante no reconhecimento das diversas experiências dentro do espectro assexual. Ao contrário de "autochorissexual", o "aegossexual" destaca uma identidade positiva, sem associação a doenças ou distúrbios, e reflete melhor a complexidade da experiência sexual de quem se identifica com essa orientação.

O post no Tumblr que originou o termo "aegossexual" foi de tal modo significativo para a comunidade assexual que foi arquivado online para preservação histórica. Esse post, publicado em 1º de novembro de 2014, é considerado um marco na discussão sobre orientações dentro do espectro assexual, uma vez que ajudou a formalizar uma identidade sexual até então pouco reconhecida. O arquivamento online garante que o contexto e a relevância dessa contribuição sejam preservados para futuras gerações, tornando-o uma referência importante na história da identidade assexual (Silva, 2024).

Apothissexualidade

A apothissexualidade é um micro rótulo dentro do espectro da assexualidade, usado para descrever pessoas que têm uma forte repulsa ou aversão a sexo, ou seja, são "sex repulsed". Indivíduos apothissexuais não apenas não sentem atração sexual, mas frequentemente têm uma reação negativa ao conceito de sexo em si.

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição "A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)"

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

Essa orientação é distinta de outras formas de assexualidade, como a assexualidade em que a pessoa pode não sentir atração sexual, mas sem experimentar repulsa (Orientation Wiki).

O termo apothissexualidade se refere a uma aversão a sexo que vai além da simples indiferença ou ausência de desejo sexual. Pode envolver sensações físicas ou emocionais desconfortáveis quando se pensa ou se depara com questões sexuais. Isso diferencia a apothissexualidade de outras orientações no espectro assexual, posto que, como sexualidade, passa a mensagem clara de ser orientação no espectro da assexualidade a qual significa que a pessoa que se identifica como tal sente repulsa por sexo, e, deste modo, prefere evitar.

Ainda que se possa pensar que todas as pessoas assexuais desgostariam de sexo, isso varia. Como se pode sentir favorável, indiferente ou com repulsa a sexo, o espectro demonstra sua diversidade. Ao nomear essa aversão específica a sexo, o termo apothissexualidade oferece uma maneira de representar mais fielmente essas vivências e dar visibilidade a quem as experimenta. Em relação aos micro rótulos da assexualidade, a apothissexualidade também amplia a compreensão de que atos sexuais podem ser vistos de maneiras variadas, incluindo com repulsa. Essa diversidade dentro do espectro permite que mais pessoas encontrem uma nomenclatura que reflita sua identidade com especificidade.

A É PARA... (MUSEU DA ASSEXUALIDADE E ARROMANTICIDADE)

A exibição "A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)", realizada em 2024 em Bristol, foi uma importante mostra de arte e história que destacou a identidade assexual e arromântica. Organizada pelo grupo *Brace Yourself* e apoiada pelo Fundo Comunitário do Orgulho de Bristol, a exposição contou com contribuições da comunidade assexual e abordou a assexualidade por

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição "A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)"

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

meio de arte, ensaios e discussões. Além disso, incluiu a exibição de histórias pessoais enviadas pela comunidade, oferecendo uma plataforma para expressar vivências individuais e coletivas dessa identidade.

O envio de histórias pessoais sobre a assexualidade para a exibição "A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)" em Bristol, 2024, teve um papel importante ao contribuir para a construção da memória coletiva da identidade assexual. Ao compartilhar suas experiências, pessoas autodeclaradas assexuais ajudaram a dar visibilidade e voz à sua realidade, registrando suas vivências de forma direta e intencional.

Similarmente ao caso histórico de Catherine Kobaly, que, em 1981, escreveu uma carta questionando a falta de representação para assexuais, as pessoas que enviaram suas histórias para a exibição também ajudaram a criar um registro importante da identidade assexual. No entanto, diferentemente de Kobaly, que escreveu a carta de maneira isolada e sem o convite para isso, as histórias enviadas para o museu em 2024 foram fruto de um convite explícito. Essa diferença reflete o avanço na visibilidade e o reconhecimento da identidade assexual ao conversar sobre na vida real e online (Arcoverde; Amazonas, 2017).

O convite para o envio das histórias proporcionou uma plataforma para que as pessoas compartilhassem suas vivências de forma coletiva e organizada, o que ajudou a criar um arquivo de testemunhos que, ao ser integrado ao museu, passa a ser parte de uma história mais ampla da assexualidade. Esse ato de preservação não só reforça a luta por mais representação, mas também constrói um acervo fundamental para o reconhecimento e valorização dessa orientação sexual.

Ao serem convidadas a participar, essas pessoas puderam fazer parte ativamente da história, tornando o processo mais inclusivo e representativo. Exemplifica, como em diversos momentos desta pesquisa, rastros deixados por assexuais sobre sua identidade assexual e sobre a memória da identidade assexual.

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

Dessa maneira, as histórias pessoais coletadas para a exibição não só registram experiências individuais, mas também se tornam um testemunho do crescimento do movimento assexual e de sua jornada para o reconhecimento público. Como no caso de Catherine Kobaly, essas histórias ajudam a provar que a identidade assexual sempre existiu, mas agora, com mais visibilidade, o reconhecimento de seu legado se torna possível.

CONCLUSÃO

Através do compartilhamento de histórias pessoais e do apoio a iniciativas como o "Museu da Assexualidade e Arromanticidade", é possível observar a importância de registrar a memória da identidade assexual. Essas histórias não apenas proporcionam uma forma de visibilidade, mas também reforçam o processo de reconhecimento e respeito pela diversidade sexual. Assim, as pessoas autodeclaradas assexuais, ao se expressarem, tornam-se agentes ativos na construção de uma narrativa que as valoriza.

O envio de histórias pessoais para o museu representa um avanço significativo no reconhecimento da assexualidade, especialmente em relação ao passado, como exemplificado pela carta de Catherine Kobaly, que, em 1981, já refletia sobre a invisibilidade da identidade assexual. O convite para que as pessoas compartilhassem suas experiências em 2024, de forma organizada, consolidou essa busca por visibilidade em um contexto coletivo, promovendo um espaço de escuta e representação.

A exibição e o envio das histórias pessoais no museu simbolizam um marco importante no processo de construção da memória histórica da assexualidade, consolidando uma narrativa que, ao mesmo tempo, honra o passado e propõe um futuro mais inclusivo. Assim, é possível afirmar que o diálogo contínuo entre os

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição "A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)"

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

espaços físicos e virtuais proporciona uma dinâmica essencial para a construção e preservação da memória coletiva da identidade assexual. Ao compartilhar histórias pessoais, indivíduos não apenas reforçam a visibilidade da assexualidade, mas também criam um legado cultural que ultrapassa as barreiras geográficas e temporais.

A exposição "A é para... (Museu da Assexualidade e Arromanticidade)" exemplifica como tais iniciativas não apenas documentam experiências, mas também fomentam um senso de pertencimento e reconhecimento. A convergência entre os relatos pessoais e sua materialização em projetos museológicos destaca o potencial transformador de conectar narrativas individuais a um contexto coletivo.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, Renata Lopes; AMAZONAS, M. C. L. A. Assexualidade: identidades e discursos na internet. In: **Anais Eletrônicos do 11º Seminário Internacional Fazendo Gênero & 13th Women's Worlds Congress**. 2017. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1493811876_ARQUIV_O_trabalhocompletonomodelo.pdf. Acesso em 22. jan. 2025.

AVEN. Submit your personal story! 'A is for... (The Museum of Asexuality and Aromanticism)'. **AVEN**. Disponível em: <https://www.asexuality.org/en/topic/271713-submit-your-personal-story-a-is-for-the-museum-of-asexuality-and-aromanticism/>. Acesso em 22. jan. 2025.

AVEN. Asexual Visibility and Education Network. **AVEN**. Asexuality.org. Disponível em: <https://www.asexuality.org/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BOGAERT, Anthony F. Asexuality and autochorissexualism (identity-less sexuality). **Archives of Sexual Behavior**, 2012, 41: 1513-1514. DOI: 10.1007/s10508-012-9963-1. Acesso em 22. jan. 2025.

BOTTEGA, Clarissa. Liberdade de não procriar e esterilização humana. Revista Jurídica da

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

Universidade de Cuiabá, Cuiabá, v. 9, n. 2, p. 43-64, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/1272997/liberdade-de-nao-procriar-e-esterilizacao-humana>. Acesso em: 20 jan. 2025.

TENNOV, Dorothy. **Love and limerence: The experience of being in love**. Scarborough House, 1998. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=506FGoFBjmUC&oi=fnd&pg=P2&dq=info:lu8JCWeMXjMJ:scholar.google.com/&ots=Qe_Xai7Sry&sig=WDvxC7tBYLYtFX-IOfQHvHKAY-8#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 20 jan. 2025.

FERGUSON, Ann. Elizabeth Brake, *Minimizing Marriage: Marriage, Morality, and the Law*, Oxford: Oxford University Press, 2012, ISBN 978-0-19-977414-2. Hypatia Reviews Online, v. 2014, p. E9, 2014. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/hypatia-reviews-online/article/elizabeth-brake-minimizing-marriage-marriage-morality-and-the-law-oxford-oxford-university-press-2012-isbn-9780199774142/42BFC01A7054584073262B961C9AC50B>. Acesso em 20 jan. 2025.

HHA. **Haven for the Human Amoeba**. Disponível em: <https://hha.acearchive.lgbt/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

HITZ, Ariel F.; M., Calisto; PIRES, Ravi D. **Manifesto Assexual**. Disponível em: <https://manifesto-ace.carrd.co/>. Acesso em 20 jan. 2025.

LISBIN, Maya Katyajini Ghosh. **A-Spec: Conceptualizing Asexual Identity, Experience, and Phenomenological Form**. Tese de Doutorado. Brandeis University. DOI: <https://doi.org/10.48617/etd.1077>. Acesso em 22. jan. 2025.

NASCIMENTO, Lilian Cristina; DOS SANTOS, João Laurentino. *Dá para Ser Casal Sem Sexo? Um Estudo Qualitativo da Assexualidade nas Relações Conjugais*. **Revista Brasileira de Terapia Familiar**, v. 9, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.60114/rbtf.v9i1.29>. Acesso em 22. jan. 2025.

ORIENTATION WIKI. **Aegosexual**. Disponível em: <https://orientation.fandom.com/wiki/Aegosexual>. Acesso em 22. jan. 2025.

ORIENTATION WIKI. **Apothisexual**. Disponível em: <https://orientation.fandom.com/wiki/Apothisexual>. Acesso em 22. jan. 2025.

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

ORIENTATION WIKI. **Aromantic**. Disponível em:
<https://orientation.fandom.com/wiki/Aromantic>. Acesso em 22. jan. 2025.

ORIENTATION WIKI. **Asexual**. Disponível em:
<https://orientation.fandom.com/wiki/Asexual>. Acesso em 22. jan. 2025.

ORIENTATION WIKI. **Cupiosexual**. Disponível em:
<https://orientation.fandom.com/wiki/Cupiosexual>. Acesso em 22. jan. 2025.

ORIENTATION WIKI. **Demisexual**. Disponível em:
<https://orientation.fandom.com/wiki/Demisexual>. Acesso em 22. jan. 2025.

ORIENTATION WIKI. **Fraysexual**. Disponível em:
<https://orientation.fandom.com/wiki/Fraysexual>. Acesso em 22. jan. 2025.

ORIENTATION WIKI. **Reciprosexual**. Disponível em:
<https://orientation.fandom.com/wiki/Reciprosexual>. Acesso em 22. jan. 2025.

ORIENTATION WIKI. **The Split Attraction Model**. Disponível em:
https://orientation.fandom.com/wiki/The_Split_Attraction_Model. Acesso em 22. jan. 2025.

ORLANDO, Lisa. **The asexual manifesto**. 1972. Disponível em:
<https://archive.org/details/asexualmanifestolisaorlando/mode/2up>. Acesso em 22. jan. 2025.

SILVA, Vitória Carvalho Rocho da. **Assexualidade no Instagram: estratégias de ciberativismo em contrapúblicos online**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-graduação em Comunicação, Porto Alegre, BR-RS, 2024. URI: <http://hdl.handle.net/10183/278653>. Acesso em 22. jan. 2025.

SUGAR-AND-SPITE. **Autochoris é um pouco difícil de dizer...** Tumblr. Archive.today. 2014. Disponível em: <https://archive.ph/2020.11.15-160220/https://sugar-and-spite.tumblr.com/post/101478696189/autochoris-is-a-bit-of-a-mouthful>. Acesso em 22. jan. 2025.

Como falar sobre a assexualidade na vida real estimula registros da assexualidade virtualmente e vice-versa: Uma análise sobre como o envio de histórias pessoais agiu como continuidade da memória da identidade assexual e apoiou a exibição “A é para... (Museu da Assexualidade e Arrômaticidade)”

HELOISA MIDLEJ

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.10 N.1 ANO 2025

OPTIMISTMINDS. **Split Attraction Model (A Guide)**. 6 abr. 2020. Arquivado de seu original em 27 maio 2022. Disponível em: <https://optimistminds.com/split-attraction-model/>. Acesso em: 22. jan. 2025.

KENNEDY, Hubert. Karl Heinrich Ulrichs, First Theorist of Homosexuality. In: ROSARIO, Vernon (Ed.). **Science and Homosexualities**. Londres: Routledge, 2013. p. 33-52. ISBN 978-0-203-39025-2. DOI: 10.4324/9780203390252-7. Arquivado de seu original em 24 ago. 2023. Acesso em: 22. jan. 2025.

PLANNED PARENTHOOD. **What is consent?** Disponível em: <https://www.plannedparenthooddirect.org/article/what-consent>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SOBRE AS AUTORIAS

Bacharela em Direito pela Faculdade Baiana de Direito (FBD). Atuou como Monitória das disciplinas Direito Internacional (2020), Direito da Família (2021) e Direito e Diversidade (2024). Tem interesse nas seguintes áreas: Antropologia, Bioética, Biodireito, Direito Civil. E-mail: hmcseixas.contato@gmail.com.

RECEBIDO em: 10/01/2025

APROVADO em: 20/02/2025